

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E LETRAS

GABRIELA NEROZI AGUIAR

**A PROBLEMÁTICA DO DINHEIRO EM *PERSUASÃO*, DE JANE
AUSTEN**

TAUBATÉ – SP
2021

GABRIELA NEROZI AGUIAR

A PROBLEMÁTICA DO DINHEIRO EM *PERSUASÃO*, DE JANE AUSTEN

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté, como parte dos requisitos para obtenção da licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Me. Luzimar Goulart Gouvêa

**TAUBATÉ – SP
2021**

Autorizo a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, desde que citada a fonte.

Gabriela Nerozi Aguiar
A problemática do dinheiro em *Persuasão*, de Jane Austen

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais e Letras, Universidade de Taubaté, para obtenção do título de licenciada em Letras. Área de concentração: literatura e linguagens.

APROVADA EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Luzimar Goulart Gouvêa (orientador)

Prof. Ma. Thais Travassos

Prof. Ma. Claudia Maria de Oliveira Souza

Aos meus pais e irmão, que me apoiaram em toda a minha jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família: meus pais, Silvio e Alessandra, que sempre me apoiaram e incentivaram em todos os momentos da minha vida, inclusive durante a produção dessa monografia e ao meu irmão, Caio, que transborda carinho em seus incentivos.

Ao Professor Me. Luzimar Goulart Gouvêa, que me orientou durante todo o processo deste trabalho com paciência e cuidado. E a todos os professores que contribuíram para a minha formação.

Aos amigos que fiz durante o curso de letras, que me ajudaram muito nesses três anos, aos que não estão fisicamente perto de mim, mas que sempre estão presentes para me ouvir quando preciso, e à Giovana, minha querida amiga, que me acolhe e incentiva quando é necessário.

"Há sempre algo de ofensivo nos detalhes da astúcia. As manobras do egoísmo e da duplicidade são sempre revoltantes." Jane Austen

RESUMO

O tema da presente monografia é a problemática do dinheiro na obra de Jane Austen. Tomaremos como objeto de estudo o romance *Persuasão*, de Jane Austen. Como pergunta de pesquisa, temos: como o problema do dinheiro interfere no destino das personagens femininas na obra de Jane Austen? Os objetivos desta pesquisa são: 1) pesquisar o estágio do capitalismo no início do século XIX, 2) justificar o momento de ascensão do romance, do romantismo e da obra de Jane Austen, 3) refletir sobre a questão do dinheiro atrelado ao destino das personagens. Essa pesquisa tem por justificativa auxiliar alunos do Ensino Superior a compreender mais a fundo a problemática do dinheiro na obra *Persuasão*, de Jane Austen. A metodologia a ser empregada será a da pesquisa bibliográfica. A fundamentação teórica se ancora em autores como Edward Sãid, Franco Moretti, Ian Watt, Sandra Guardini Vasconcelos, Robert Irvine e Eric Hobsbawn. Como resultados, temos que compreender a origem das personagens e que o poder monetário influencia, sim, o destino das personagens, principalmente o das personagens femininas.

Palavras-chave: *Persuasão*. Jane Austen. Dinheiro.

ABSTRACT

The theme of the present research is the money problem in *Persuasion*, by Jane Austen. The object of this research is the novel *Persuasion*, by Jane Austen. The question of this research is how the money problem, in *Persuasion*, interferes with the destiny of the female characters of Austen's composition? The objectives of this research are: 1) research the stage of capitalism in XVIII century 2) justify the rising novel moment, romanticism and Jane Austen compositions 3) reflect about the monetary problem with the destiny of the characters. This research justifies to assist college students to comprehend deeper the money problem on Jane Austen's composition, *Persuasion*. The theoretical foundation is based on authors, such as Edward Saïd, Franco Moretti, Ian Watt, Sandra Guardini Vasconcelos, Robert Irvine and Eric Hobsbawn. The result is to comprehend the origin of the characters and how the monetary power influences the destiny of female characters.

Keywords: *Persuasion*, Jane Austen, money.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 1. O ESTÁGIO DO CAPITALISMO NO SÉCULO XIX | 11 |
| 1.1. A Europa antes da dupla revolução | 12 |
| 1.2. A Revolução Francesa | 12 |
| 1.3. A Revolução Industrial | 13 |
| 1.4. O Imperialismo europeu | 15 |
| 2. A ascensão do romance e da obra de Jane Austen..... | 17 |
| 2.1. A Ascensão do Romance na Inglaterra..... | 17 |
| 2.2. A Ascensão do Romance: Defoe..... | 18 |
| 2.3. A Ascensão do Romance: Richardson..... | 20 |
| 2.4. A Ascensão do Romance: Fielding..... | 21 |
| 2.5. A Ascensão de Jane Austen..... | 23 |
| 2.6. As Obras de Jane Austen e o Imperialismo..... | 24 |
| 3. O destino das personagens de persuasão atrelados ao dinheiro..... | 26 |
| 3.1. O destino das personagens masculinas ligado ao dinheiro..... | 26 |
| 3.2. O destino das personagens femininas ligado ao dinheiro..... | 28 |
| 3.3. O destino dos protagonistas ligado ao dinheiro..... | 31 |
| 4. Referências Bibliográficas..... | 34 |

INTRODUÇÃO

O tema da presente monografia é a problemática do dinheiro na obra de Jane Austen. Tomaremos como objeto de estudo o romance *Persuasão*, de Jane Austen.

Como pergunta de pesquisa, temos: como o problema do dinheiro interfere no destino das personagens na obra *Persuasão*, de Jane Austen?

Os objetivos dessa pesquisa são: 1) pesquisar o estágio do capitalismo no início do século XIX, 2) justificar o momento de ascensão do romance, do romantismo e da obra de Jane Austen, 3) refletir sobre a questão do dinheiro atrelado ao destino das personagens.

Essa pesquisa tem por justificativa auxiliar alunos do Ensino Superior compreender mais a fundo a problemática do dinheiro na obra *Persuasão* de Jane Austen.

A metodologia a ser empregada será a da pesquisa bibliográfica.

A fundamentação teórica se ancora em Eric Hobsbawn e Edward Saïd no primeiro capítulo e Ian Watt, Sandra Guardini Vasconcelos, Edward Saïd, Robert Irvine e Franco Moretti, no segundo e terceiro capítulos.

1. Estágio do capitalismo no século XIX

Neste capítulo, veremos o estágio em que se encontrava o capitalismo na Europa no século XIX.

1.1 A Europa antes da dupla revolução

Em 1789, a Europa era fundamentalmente rural, ou seja, toda a sua estrutura acompanhava essa característica. Por conta disso, segundo Eric Hobsbawm (1962), o continente e o mundo eram muito maiores do que atualmente, pois o transporte era muito lento e escasso, mesmo para mercadorias e nobres, levavam dias para chegar ao seu destino por terra, sendo o transporte marítimo o meio mais veloz de traslado, além de ter um custo menor.

E se o transporte de pessoas e mercadorias era lento, as notícias também demoravam a chegar em outros lugares, levando a impressão de imensidão a fundo. Outra característica ligada ao mundo ruralizado da época é que a maioria da população era analfabeta, portanto jornais eram inviáveis, havia poucos em circulação, além das pessoas, na maioria das vezes, nunca saírem de onde nasceram, novamente por conta das distâncias grandiosas desse período.

Sem grandes tecnologias industriais, a economia europeia era agrária e atrasada, sendo a Inglaterra o único país a apostar em um desenvolvimento agrário que se aproximasse do modelo capitalista. Segundo Eric Hobsbawm (1962), o país inglês, que era o mais evoluído na época, tinha o consumo *per capita* de chá de menos de 2 onças ao mês.

1.2. A Revolução Francesa

A Europa começa a evoluir em várias áreas a partir da Revolução Francesa e da 1ª Revolução Industrial. A Revolução Francesa é a responsável por moldar a política e a ideologia do mundo do século XIX e marca o fim da idade moderna e o começo da idade contemporânea. Com isso, a França traz uma série de vocabulários novos: é nesse período que temos novas expressões, como classe trabalhadora, classe média, aristocracia, capitalismo e socialismo cujos significados foram trazidos trazidos pela Revolução.

Esses termos surgiram por conta das mudanças ideológicas e políticas que surgiram nesse período. Na política, por exemplo, a França dissipou para o mundo os conceitos da política liberal e da radical, assim transformou os ideais políticos antigos e usados anteriormente, que foi uma das razões para que os franceses, em especial a burguesia francesa, se organizassem para que houvesse uma Revolução. Reivindicaram o governo atual e absolutista, para que surgisse uma república e para que o poder governamental saísse dos monarcas e da aristocracia.

A Revolução Francesa ainda leva à Europa e ao mundo uma nova ideologia, muito diferente do que a que era propagada até então, que traz a ciência e a lógica como centro, ganhando o nome de Iluminismo. A França foi responsável pela rendição das antigas civilizações à ideologia do mundo moderno, que até então renegavam os ideais europeus.

Com toda essa mudança ideológica e intelectual que emergiram graças à Revolução Francesa, a França disseminou para o globo coisas de suma importância para a civilização moderna, como a elaboração de códigos legais, os quais auxiliou os franceses naquela época a garantir os direitos dos cidadãos e a extinguir os privilégios que o clero e a nobreza detinham. Além disso, a Revolução Francesa ainda foi responsável pela organização científica e técnica, salientando a importância que a ciência passou a ter durante esse período. Segundo Hobsbawm (1962), a França ainda foi responsável pela criação de um sistema de medidas (sistema métrico) que acabou sendo utilizado por uma grande parte dos países.

1.3. A Europa e a Revolução industrial

Com as novas correntes ideológicas advindas a partir da Revolução Francesa, a Inglaterra, por seu lado, promove a 1ª Revolução Industrial, que vai mudar a forma de produção do mundo, que, antes, era dominada pela manufatura. Foi a partir da Revolução Industrial que termos como classe trabalhadora, classe média, aristocracia, capitalismo e socialismo surgiram e foram popularizados. É nessa época que a indústria capitalista e a burguesia liberal ascendem a lugares decisórios, por meio da detenção do acúmulo de capital que, antes, bem antes, a nobreza rural controlava e, como resultado, a Revolução Industrial tomou forma.

E como berços dessas revoluções, a França e a Inglaterra lideraram a ideologia mundial, com o ideal francês do Iluminismo se espalhando de forma mais ampla, internacionalmente, enquanto a economia foi moldada pelo modelo da Revolução Industrial inglesa, que também trouxe novos mecanismos industriais e as ferrovias, estas que diminuíram as distâncias e escoavam a produção da indústria e a agrícola também.

Na década de 1780, temos a explosão da Revolução Industrial na Inglaterra, em que, pela primeira vez na história, os produtos são produzidos de forma rápida e em massa, com os equipamentos necessários para a produção da mercadoria, além da melhoria na estrutura para que elas fossem transportadas. Com essa ampliação da produção agrícola, a Inglaterra produziu, segundo Hobsbawm (1962), 98% dos cereais, o que era duas vezes mais do que a população da época consumia, e isso mostra como a produção começou a ser realmente em massa, em especial a da indústria têxtil, que, por conta da alta manufaturação, acabou induzindo o consumo da população.

Outra coisa que é necessário apontar é que a matéria-prima para a fabricação de tecidos vinha principalmente das colônias britânicas. O algodão era plantado e colhido por escravos no Sul dos Estados Unidos, já tecidos de algodão indiano e chita vinham da Índia, para satisfazer o mercado Inglês e europeu, que, depois do contato com essas mercadorias, tentavam reproduzir o trabalho da colônia para baratear seus custos e engrandecer seus lucros, assim produzindo um excedente de capital para a comercialização e gerando lucro. Todavia, devido ao fato de que as colônias inglesas é que eram responsáveis pela matéria-prima utilizada pela metrópole, quando os Estados Unidos conquistam sua independência, a Inglaterra perde muito de seu poder colonialista, então seu maior interesse era manter a qualquer custo suas áreas de interesse já conquistadas, como o sul da África, o Ceilão e Singapura, com atenção especial para a Índia, que foi onde o império Inglês mais se expandiu.

Por conta das mudanças causadas pela industrialização, o capitalismo tornou-se o modelo econômico na Inglaterra e, para que sua economia industrial tivesse sucesso, era necessária mais mão-de-obra e a solução foi importar trabalhadores rurais. No entanto, já no final do século XVIII até o começo do século

XIX, a Europa entrou em guerra, o que fez estagnar as economias. Não obstante, a Grã-Bretanha conseguiu ainda estar muito à frente de todos os outros países, com uma economia sólida. Todavia, segundo Eric Hobsbawm (1962), mais tarde, entre as décadas de 1830 e 1840, houve uma sua primeira crise por conta da estagnação do crescimento econômico, que trouxe miséria para os trabalhadores. E como as revoltas não infringiram a ordem social e os trabalhadores rurais não tinham tanta força para intimidar o governo, os capitalistas prosseguiram com seus ideais intactos, sem perturbações para os governos europeus, com exceção da quebra das máquinas e tumultos feitos pelos simpatizantes do movimento cartista.

1.4. O imperialismo europeu

Alguns séculos antes, países europeus haviam começado sua expansão marítima, dominando grandes territórios e os povos nativos que lá viviam. O colonialismo europeu foi pautado no domínio dos povos nativos contra a sua vontade. Aquele que tivesse um poder maior venceria, ou seja, as armas de fogo e grande poder militar dos europeus para ter posse das grandes extensões de terra superaram os recursos dos nativos para protegerem-se e, infelizmente, foram fadados à dizimação de seu povo e aqueles que escaparam da morte foram escravizados. E, além de promoverem a morte em massa daqueles que habitavam a América, a África e a Ásia, os europeus também foram responsáveis pela exploração de seus recursos naturais, além de, nas colônias, haver o objetivo do povoamento com cidadãos da Europa.

Nessa época, a industrialização na Europa não existia, o continente e o mundo eram fundamentalmente agrários e rurais, com uma produção comercial manufatureira. O objetivo dos europeus, ao expandir seus territórios, era comercial, ou seja, a colônia era responsável por produzir e fornecer à metrópole matéria-prima, e, além de utilizar essa matéria-prima internamente, ela também era exportada para os países ao redor.

No começo da expansão marítima, quem saiu na frente foram Portugal e Espanha, que disputavam entre si o poder que a expansão territorial trazia. Apenas depois da largada de Portugal e Espanha é que outros países europeus começaram o seu próprio processo de expansionismo, como a Inglaterra e a França. Esses dois

países ascenderam como os mais importantes na Europa e, já no século VIII, foram responsáveis pelas Revoluções mais importantes para a civilização moderna: Revolução Francesa e 1ª Revolução Industrial, que já foram citadas anteriormente. Principalmente com o processo de industrialização e a expansão do consumo, o colonialismo ainda existia e iniciou-se o processo do imperialismo, que, apesar de se aproximar do colonialismo em várias características, se afastava em relação à causa de seu surgimento, que era a industrialização.

As práticas imperialistas apareceram em consequência da industrialização, quando a necessidade de expansão, em diversos âmbitos, fez-se presente. Primeiro, pela velocidade de produção que a Revolução Industrial trouxe, a demanda por matéria-prima aumentou exponencialmente, principalmente para o algodão, já que a indústria têxtil foi a primeira a crescer na Inglaterra. Assim, foi necessária a expansão para a produção da matéria-prima necessária para a indústria europeia, que a demandava cada vez mais.

Em complemento a este fato, há também o fator de demanda de consumo, que apesar do grande aumento demográfico pelo qual a Europa estava passando, começou a cair e, para se conseguir suprir esse *déficit*, precisava-se criar uma nova demanda de consumo e a saída foi a expansão territorial, utilizando a África, a Ásia e a Oceania. Ou seja, mais uma vez, os europeus invadiram continentes e apagou o povo nativo e suas culturas, interferências essas que ainda assombram as civilizações atualmente, como Saïd (1962, p. 37) pontua:

No entanto, pouquíssima atenção tem sido dedicada ao papel privilegiado, no meu entender, da cultura na experiência imperial moderna, e quase não se leva em conta o fato de que a extraordinária extensão mundial do imperialismo europeu clássico, do século XIX e começo do XX, ainda lança sombras consideráveis sobre nossa própria época. Em nossos dias, não existe praticamente nenhum norte-americano, africano, europeu, latino-americano, indiano, caribenho ou australiano — a lista é bem grande — que não tenha sido afetado pelos impérios do passado.

Na sequência, veremos questões ligadas à ascensão do romance, enquanto nova forma literária engendrada por aquele momento histórico.

2. A ascensão do romance e da obra de Jane Austen

Neste capítulo, iremos ver como o romantismo na Inglaterra ascendeu, seus precursores e uma introdução sobre a autora Jane Austen e suas obras.

2.1. A ascensão do romance na Inglaterra

Definir uma origem para o romance inglês é muito difícil. Segundo Sandra Guardini Vasconcelos (2002), ele é permeado por muitas nuances, sem um padrão, é um gênero que se entrelaçou em diversas matrizes, desde a prosa até a poesia, realista e romanesca. O romance é o marco do rompimento dos gêneros que dominavam a Inglaterra anteriormente, e seguiam uma linha que se relaciona pouco com a vida doméstica de seus leitores, coisa que mudou durante a consolidação do romance como gênero, que trouxe a temática da vida domiciliar e privada para as narrativas.

O romance inglês foi se moldando também com os ideais iluministas que prosperavam na Europa e isso trouxe olhos democráticos para suas narrativas, que envolvia, também, questões morais trazidas pela Revolução Francesa e suas ideologias. Assim, a literatura passa a pensar sobre a sociedade e suas problemáticas, coisa que a tradição literária não envolvia em suas obras, portanto o romance rompeu com essas convenções do mundo literário anterior.

No entanto, Ian Watt (1957) diz que a inserção de problemáticas da sociedade na literatura não foi o motivo para que o romance tenha começado, nem

mesmo a principal ruptura com as antigas convenções. Ele entende que o começo do romance e as mudanças da cena literária vêm das mudanças que a Europa vinha sofrendo durante os séculos XVIII e XIX, como a Revolução Francesa, comentada anteriormente, e a Revolução Industrial. A vida da sociedade inglesa mudou, principalmente de forma interna.

O romance se moldou por essas mudanças que aconteceram na época, além do crescimento crescente do capitalismo, do protestantismo e do público leitor.

Na questão do público leitor, ele também começou a crescer devido aos motivos já citados no parágrafo anterior. A população era em suma analfabeta e isso começou a mudar gradativamente por conta das revoluções.

No entanto, há divergências entre Ian Watt (1957) e outros autores, como é apontado por Vasconcelos (2002) em relação a J. Paul Hunter (1990). Segundo Vasconcelos, ele segue uma linha de que houve, sim, uma ruptura brusca entre os romances e *novels* (tradição literária). Ele indica também que as características que moldam o gênero romance não foram identificadas e definidas logo de cara, foi algo progressivo e lento. Hunter também difere de Watt, quando se trata de como abordar toda a questão do romance, e ele tende a usar termos mais abrangentes para caracterizar o gênero e ser de mais fácil compreensão.

Hunter (1990), citado por Vasconcelos (2002), se distancia de Watt (1957) em muitos sentidos, mas se aproxima quando se trata do aumento do público leitor, já que a população começa a ser letrada mais amplamente, dando uma maior popularidade à literatura, que antes era tida como algo elitista e supérfluo, não despertava interesse algum no público e isso mudou gradativamente com o surgimento do romance.

Enfim, para Ian Watt (1957), o realismo que o romance traz para a literatura não é sobre o tipo de vida apresentado, ou seja, se são narrados os pormenores de uma vida simples ou uma vida luxuosa não vai se caracterizar como a narrativa realista que o romance inglês cerca-se para a ruptura com a tradição literária anterior, ele pontua que o realismo é moldado pelo modo como é contada a história, como o real é contado em uma narrativa.

Como precursores do romance inglês há nesse primeiro momento, três autores: Daniel Defoe, Samuel Richardson e Henry Fielding. Eles trouxeram protagonistas ligados ao realismo por suas características ou ocupações, personagem fornicador, ladra e hipócrita.

2.2. A ascensão do romance: Defoe

Como apontado anteriormente, Ian Watt (1957) acredita que o romance surge ao romper com a antiga e tradicional literatura, trazendo uma forma diferente de narrativas, propondo como contar histórias de forma mais verossímil com a realidade vivida pelos leitores e tendo cuidado ao escolher como contar essas ficções. E um dos precursores do surgimento e da ascensão do romance, para Watt (1957) foi Daniel Defoe, autor de *Robinson Crusoé*, considerado como a primeira obra do gênero romance.

Defoe criou uma característica própria ao dar nomes às suas personagens, esta característica é onde o realismo irá se alojar e transparecer, é dessa maneira que ele decide como contar a história e como a característica crucial do romance será presente. Os protagonistas de Defoe, com exceção de Roxana, sempre têm um primeiro nome e um sobrenome, os tornando palpáveis e passíveis de conexão com quem está lendo e isso também transparece quando ele evita nomes extravagantes, mas também que não sejam comuns demais e podemos comprovar isso vendo os nomes Moll Flanders e Robinson Crusoé, dois de seus protagonistas.

O romance que marcou o início desse novo gênero literário foi *Robinson Crusoé*, o primeiro de Defoe. Nesse livro, o autor vai demonstrar interesse pelo individualismo de cada personagem e vai fugir da tradição literária anterior, que sempre construía suas narrativas em torno de questões morais da sociedade. Na narrativa, Defoe evidencia seus ideais empiristas e, conseqüentemente, consegue retratar de forma mais completa o individualismo e como ele se relaciona em suas mais diversas formas, mas a que é mais evidenciada pelo autor é o individualismo econômico e isso não acontece apenas em seu primeiro romance e, sim, se repete constantemente. O objetivo das personagens de Defoe é o dinheiro, a ascensão econômica por meio dele. Novamente, uma herança advinda das Revoluções e com a ascensão do capitalismo.

No caso de Robinson Crusoé, ele representa muitas das nuances desse individualismo econômico promovido por Defoe e, segundo Ian Watt (1957), vai além de uma referência a contabilidade e a lei de contrato, ele permeia toda a relação

interpessoal da personagem. Essa necessidade do individualismo econômico de Robinson Crusóé compromete sua vivência em grupos sociais (família, aldeia etc.) e, conseqüentemente, ele segue mais um padrão dos protagonistas de Defoe, que é o afastamento de sua família, exatamente por sua ânsia de uma ascensão econômica. Ele retrata o viajante explorador da época, que fazia suas fortunas em alto mar, alcançando territórios, os explorando e implementando colônias e é esse tipo de perfil que fomentava e mantinha o aquecimento do capitalismo, assim, Robinson Crusóé ascendeu economicamente e contribuiu para o objetivo da Inglaterra da época, sem ter necessariamente essa intenção, pois seu propósito sempre foi o dinheiro e ter a mobilidade territorial que quisesse, sem a finalidade de ascender economicamente para a sua família, muito menos voltar a sua terra natal.

Já no romance *Moll Flanders*, Daniel Defoe desenvolve a protagonista de nome homônimo à obra de forma diferente da personagem de seu primeiro romance, no entanto se aproxima de Robinson Crusóé na busca por dinheiro e a falta de uma família, mas diferentemente do protagonista masculino, considerado herói, Moll Flanders é uma ladra, que precisa seguir esse caminho para ter acesso à compensação financeira mais relevante e Defoe seguirá o caminho de que sua protagonista e qualquer pessoa que se submeta a tais atos são conseqüências de uma vida que todos poderiam tocar e, assim, traz o leitor para uma realidade mais palpável, fazendo o leitor estreitar mais a afeição para com Moll Flanders.

2.3. A ascensão do romance: Richardson

O segundo precursor do gênero romance é Samuel Richardson. Segundo Ian Watt (1957), Richardson consegue cobrir alguns elementos que as narrativas de Defoe não chegaram a tratar. Diferentemente do autor de Robinson Crusóé, que tinha enredos mais amplos, Richardson mantém o seu simples e focado apenas em um relacionamento amoroso, no caso de *Pamela*.

Richardson foi imprescindível nessa construção do amor romântico das histórias, que também se modificou com a ruptura da tradição literária vigente anteriormente e começou a levar em consideração os costumes vigentes na sociedade da época, no âmbito religioso, familiar, entre outras diversas esferas, há também o individualismo econômico, que também é presente nas obras de Defoe.

No caso de Richardson, ele foi para um caminho diferente das histórias de Robinson Crusóe e de Moll Flanders. Ele utilizou uma protagonista mulher e que tem uma vida mais tradicional, diferente da criminosa Moll Flanders, de Daniel Defoe, e com o mecanismo do casamento, evidenciar o patriarcado e indicar que, com o matrimônio, a mulher não consegue chegar ao individualismo econômico, que é tão importante para os indivíduos da sociedade, na visão do autor.

Pamela, a protagonista da obra com nome homônimo, é uma criada e não tem perspectivas em relação a um bom casamento, muito menos a ascender economicamente. No entanto, apesar do individualismo econômico não parecer estar atrelado ao destino de Pamela, ela consegue manifestar seu individualismo ao decidir casar-se com o seu patrão. A protagonista consegue se afastar do destino previsível de criadas e contornar certos padrões que a sociedade e a família de seu patrão esperam. Richardson conseguiu redefinir o casamento em sua obra e isso refletia o momento que a sociedade vivia, que era uma crise na esfera conjugal, na qual não havia uma definição de como deveria ser um casamento e a relação entre marido e mulher. Além disso, também houve a questão do puritanismo, que sempre foi desenvolvido para preservar atos conjugais fora do casamento como pecaminosos, no entanto isso nunca tinha sido retratado como uma preocupação de uma criada e, sim, de mulheres de classes sociais mais elevadas. Assim, Pamela foi um símbolo de vitória, por conseguir ascender socialmente, casando-se com alguém muito acima de sua classe social.

Com todas essas mudanças que Richardson propôs, Pamela recebeu muita atenção e foi um sucesso entre mulheres, que usavam seu tempo ocioso na literatura, e isso é mais uma característica do autor. Samuel Richardson tinha o público alvo de mulheres, em especial, as de classe média e se dedicava a agradar seu público feminino, o que não era algo comum na época e foi se desenvolvendo, já que antes essas mulheres se dedicavam a ter leituras na esfera religiosa e, aos poucos, começaram a chamar a atenção para a ficção e, assim, os autores começaram a buscar cada vez mais seu interesse, trazendo como tema de seus enredos adversidades vividas comumente pelo público feminino.

Já em *Clarissa*, Richardson irá explorar ainda mais as relações interpessoais da protagonista com aqueles ao seu redor, de uma forma mais delineada e profunda, dando ao leitor uma experiência em conhecer os demais personagens com sua própria visão e não se limitando apenas às observações da protagonista e isso é

feito por meio de cartas. Essas correspondências são a forma de Richardson resolver a visão centrada na heroína, como havia sido em Pamela, assim o leitor terá uma experiência mais rica na questão narrativa. Além dessa mudança narrativa do seu romance de estreia, Richardson traz uma protagonista muito diferente de Pamela. Clarissa é pintada pelo autor como o maior exemplo de mulher, elevando-a a um patamar heroico e tornando-a algo difícil de se relacionar.

2.4. A ascensão do romance: Fielding

Segundo Ian Watt (1957), diferente de Defoe e Richardson, que foram primordiais para o surgimento e evolução do gênero romance, Henry Fielding não colaborou tanto quanto os dois primeiros, mas trouxe objetivos e problemáticas diferentes do que já estavam sendo trabalhadas. No caso de Fielding, ele não baseou suas obras nas mudanças sociais que estavam acontecendo na Inglaterra e na Europa e, mesmo assim, suas características contribuíram e foram utilizadas como elementos do gênero romance. Ele escrevia epopeias, um dos gêneros mais dissipados pela antiga tradição literária, ele deu continuidade a esse tipo de narrativa antiga, mas sem seguir à risca todas as regras e normas que vinham acompanhadas a ela. Fielding também se diferenciava da epopéia clássica ao adicionar comicidade a ela. Ele provavelmente seguiu esse caminho de se aproximar da epopeia, para colher a admiração e a notoriedade que esse gênero tinha, já que, conforme Ian Watt (1957), em 1742 o gênero romance não era bem vindo e muito menos prestigiado pelos intelectuais.

Assim, de acordo com Ian Watt (1957), Fielding provavelmente teve algum bloqueio para conseguir definir um objetivo para o enredo do seu primeiro romance, *Joseph Andrews*, por conta de seus princípios ligados ao gênero épico. Ele tenta se aproximar das normas modernas, mas continua estagnado no estilo em que sempre se baseou:

O argumento para “remeter” seu romance ao gênero épico é fraco: *Joseph Jones Andrews* sem dúvida tem cinco das seis partes que Aristóteles estabelece para a epopéia; mas é impossível conceber qualquer narrativa que não tenha “enredo, ação, personagens, sentimentos e estilo”. A posse desses cinco elementos certamente não contribuiu em nada para elucidar a distinção que Fielding continua a estabelecer entre a prosa épica e a novelística francesa. (WATT, 1957, p. 217)

Desse modo, mesmo tentando deixar sua obra como baseada na literatura épica, modificando algumas de suas características, ao fim seus enredos se

assemelhavam mais a uma paródia dos textos épicos que algo embasado nele. Já na obra *Tom Jones*, Fielding continua uma linha com comédia, no entanto é quando ele consegue se concretizar como romancista ao traçar um enredo simples, mas com tramas profundas desenvolvidas ao longo da narrativa e busca expor condutas morais durante todo o processo.

2.5. A ascensão de Jane Austen

Filha de George Austen e Cassandra Leigh, a autora inglesa Jane Austen nasceu no condado de Hampshire no sudeste da Inglaterra, em 1775, período em que a Grã-Bretanha tinha destaque na economia por conta dos avanços das atividades comerciais.

De acordo com Irvine (2005), diferentemente de seus irmãos, Jane e sua irmã mais velha, Cassandra, a princípio foram educadas pela sua mãe, que ensinou a elas a escrita e a religião. Continuaram seus estudos em internatos, aprendendo o que era necessário para jovens mulheres de sua classe social. E foi entre os anos de 1787 e 1792, em sua adolescência, que Jane Austen começou sua jornada com a escrita, com conjuntos de histórias e versos.

Já mais velha, a família Austen mudou-se para Bath, depois que o patriarca se aposentou, principalmente porque a cidade aumentaria as chances das duas filhas encontrarem bons pretendentes para desposá-las. No entanto, Jane foi pedida em casamento por seu antigo vizinho de sua cidade natal, mas desistiu de casar-se com Bigg-Wither logo após o pedido.

A Inglaterra em que Jane Austen vivia era permeada por uma sociedade em que a hierarquia era intransigente e estava se modernizando, conseqüentemente ela baseava suas obras de acordo com esses fatos, mas moldava-as de acordo com a visão do seu gênero, então, colocava discussões em seus enredos sobre a mudança no papel da mulher na sociedade inglesa.

Segundo Irvine (2005), o primeiro manuscrito que Austen vendeu foi um romance chamado *Susan*, por apenas dez libras, mas nunca foi publicado pela editora que o comprou. Foi com o romance *Razão e Sensibilidade*, publicado em 1811, que Jane Austen ganhou atenção e começou a ganhar comissões dos ganhos

de seus livros. Com esse dinheiro, Austen conseguiu comprar de volta os direitos autorais de *Susan*, assim foi publicado com um novo título *A Abadia de Northanger*. Com a relevância que conseguiu com seu primeiro romance publicado, Jane Austen consolidou seu nome como autora, assim vendeu os direitos de “*Orgulho e Preconceito*” por cento e dez libras e continuou lucrando com suas outras obras *Mansfield Park*, *Emma* e *Persuasão*.

2.6. As obras de Jane Austen e o imperialismo

As obras de Jane Austen seguem um padrão quando se trata de sua localização. Segundo Franco Moretti (2003), a escritora concentra suas narrativas em um epicentro inglês, que não inclui o Reino Unido como um todo, ou seja, Irlanda, País de Gales, Cornualha e Escócia não servem como um pano de fundo para suas personagens. E vai além, mesmo tendo a Inglaterra como principal localidade de suas obras, Austen não utiliza pontos importantes do país e deixa de lado a Revolução Industrial que está em andamento, isto é, é como se Austen ignorasse o que está acontecendo no país ao desenvolver seus enredos. Ela prefere girar em torno de localidades bucólicas e tranquilas. “De um lado a “Grã”-Bretanha em processo de industrialização da época de Jane Austen; de outro, a Inglaterra pequena e homogênea dos romances de Austen” (Moretti, 2003, p.24).

Este fato do distanciamento das narrativas do que acontecia no país é um ponto-chave para entendermos as obras de Jane Austen, que, mesmo levantando pautas sociais, que não eram comuns na época, deixava de lado acontecimentos como a Revolução Industrial e o Imperialismo que estavam acontecendo naquele período, em decorrência a revolução mercantil e explorando países considerados de terceiro mundo. Inclusive, de acordo com Moretti (2003), na época contemporânea a Austen, a Inglaterra mantinha estreitas relações com países da América do Sul, Caribe e Índia Ocidental, que eram os locais em que mais havia atividades econômicas exploratórias. No entanto, mesmo com o apagamento desses fatos, a prática imperialista tinha relação direta ou indireta com suas narrativas e personagens, pois é com esta prática que elas mantêm fortunas, ou no caso do Capitão Frederick Wentworth, de *Persuasão*, que era de uma classe social baixa e ascende socialmente por meio do imperialismo, conquistando uma fortuna e

reputação respeitável perante a sociedade classicista inglesa. Assim, é possível concluir que, mesmo que a história seja omitida nas obras, ela estará influenciando a literatura.

A suposta autonomia das obras de arte acarreta uma espécie de separação que, a meu ver, impõe uma limitação indesejável, a qual não é de forma alguma colocada pelas próprias obras. Todavia abster-me deliberadamente de apresentar uma teoria totalmente articulada dos vínculos entre literatura e cultura, de um lado, e o imperialismo do outro. (SAÏD, 2011, p. 50)

No caso de *Mansfield Park*, Austen traz um pouco mais sobre as partes ocultadas na maioria de seus trabalhos. Nele, há indícios concretos da riqueza da personagem, Sir. Thomas, nos países dados como de terceiro mundo, os que eram subjugados e explorados pelos europeus, diferentemente de outras obras, em que entendemos a fonte de riqueza por conta do contexto histórico no qual a obra foi escrita. Em *Mansfield Park*, sabemos que Sir. Thomas mantém propriedades na Antígua e, portanto, segue os padrões imperialistas. Mesmo assim, a percepção de Jane Austen com as atividades em países vítimas do imperialismo não era ampla, então expõe as problemáticas de forma mais sutil.

A audácia da visão de Austen fica um pouco dissimulada por causa de sua voz, a qual, apesar de uma ocasional malícia, é notavelmente modesta e abafada. Mas não devemos interpretar mal as limitadas referências ao mundo exterior, suas leves referências ao trabalho, ao processo e às classes, sua visível habilidade para abstrair (nos termos de Raymond Williams) 'uma inflexível moral cotidiana que, ao fim, é separável de sua base social.' (SAÏD, 2011, p. 154)

Assim, podemos entender que o romance oitocentista de Jane Austen, apesar de ocultar a verdade histórica das origens de certas personagens e suas riquezas, romances e história estão entrelaçados, pois de alguma forma o que acontecia naquele período influenciou enredos, tanto o imperialismo como a solidificação do capitalismo e da sociedade burguesa — que era o público alvo das obras dos romancistas — foram aplicados nas obras de Austen, de forma velada ou explícita. “Não estou pretendendo dizer que o romance — ou a cultura em sentido amplo — ‘causou’ o imperialismo, e sim que o romance, como artefato cultural da sociedade burguesa, e o imperialismo são inconcebíveis separadamente. (SAÏD, 2011, p.129)”

No próximo capítulo, as questões que se anunciaram aqui serão refinadas, tomando-se para verificação o romance *Persuasão*.

3. O destino das personagens de *Persuasão* atrelados ao dinheiro

Publicado em 1818, *Persuasão* foi a última obra que Jane Austen finalizou antes de sua morte, em 1817, portanto foi publicado postumamente, assim como *A Abadia de Northanger*, a primeira obra escrita pela autora.

O enredo de *Persuasão* gira em torno de Anne Elliot e do capitão da marinha Frederick Wentworth, que se apaixonaram quando eles eram jovens, mas não se casaram por conta da posição social e financeira de Wentworth, que era algo de estima para a família de Anne e de sua amiga Lady Russel. Depois de oito anos, eles se reencontram quando a irmã de Frederick e seu marido, o almirante Croft, alugam Kellynch Hall, propriedade da família Elliot, e ele volta com uma posição social favorável e com riquezas acumuladas, derivadas da guerra e das colônias.

Nesta obra, Austen vai, novamente, seguir o modelo de seus outros livros, manter o enredo dentro de uma, de acordo com Moretti (2003), Inglaterra homogênea, ou seja, que não se interliga com a Revolução Industrial e que é mais familiar, no qual a importância maior é a terra, mais precisamente: Kellynch Hall, Lyme e Bath, são as três localidades mais importantes para os acontecimentos da história.

Neste capítulo, iremos entender como o dinheiro interferiu no destino das personagens da obra *Persuasão*, aos quais Jane Austen deu vida.

3.1. O destino das personagens masculinas ligado ao dinheiro

Durante a obra *Persuasão*, de Jane Austen, é possível encontrar momentos em que, na narrativa que a autora constrói, a posição social e, conseqüentemente, o dinheiro ficam em grande evidência, sendo muito mais importante que as próprias relações interpessoais, de modo que intervém direta e indiretamente nos destinos das personagens, e isto interfere na maioria delas, de forma mais incisiva ou menos, sendo homem ou mulher.

No caso de Sir Walter, patriarca da família Elliot, sua principal característica é sua vaidade e seu complexo de superioridade e é isso que guiará todas as suas decisões e sentimentos. Para ele, seu título de baronete, viver em luxo e sua beleza são suas maiores conquistas e é o que o faz melhor que tantas pessoas na nobreza inglesa do século XIX e é com essa vaidade que Sir. Walter coloca sua família em uma crise econômica. Mesmo com uma fortuna respeitável, ela não foi o suficiente para sustentar seus hábitos luxuosos. O dinheiro e sua reputação, que eram de tanta estima para Sir. Walter, poderiam se esvair e, para que isso não acontecesse, ele precisou abrir mão de um de seus maiores orgulhos, que era a propriedade da família de Kellynch Hall, para que fosse alugada e, até nessa questão, Sir Walter exigia que quem alugasse sua propriedade precisava ser alguém com fortuna e reputação respeitáveis, que não manchasse seu nome.

A vaidade era o começo e o fim do caráter de Sir Walter Elliot —vaidade pessoal e de posição. [...] Sir Elliot considerava a bênção da beleza inferior somente à bênção da dignidade de baronete; e ele, que reunia essas dádivas, era objeto constante de seu mais caloroso respeito e devoção. (AUSTEN, 2017, p.9)

Além disso, há também a problemática do herdeiro, que é de muita importância para a aristocracia inglesa, Sir Walter Elliot e sua esposa, Lady Elliot, tiveram três meninas. Ao não conceber um herdeiro, o título de baronete e as propriedades pertencentes a família Elliot passam para o próximo da linha de sucessão, portanto o que Sir Elliot tinha tanto apreço, iria sair do seu círculo familiar e iria para o senhor William Walter Elliot. Portanto, havia duas soluções: Sir Walter Elliot casava-se de novo para tentar conceber um herdeiro ou o presumido herdeiro, William Elliot, desposava uma de suas filhas solteiras, Elizabeth ou Anne, para que sua fortuna não saísse definitivamente de suas mãos. Na primeira das opções, durante a narrativa, aponta-se para a Srta. Clay como uma suposta pretendente de Sir. Walter Elliot, no entanto, o presumido herdeiro consegue cortar qualquer tipo de relação dessa natureza.

No caso do presumido herdeiro de Kellynch Hall, “[...] o Sr. Elliot acaba revelando, no capítulo IX, ser alguém cruel e egoísta, e provavelmente será um senhorio muito pior que o Sir. Walter (IRVINE, 2005, p. 91)”. No início da obra, podemos ter um pequeno vislumbre das intenções do Sr. Elliot por meio do casamento, ao ser descrito que ele havia cortado relações com Sir. Walter Elliot depois de se casar com uma mulher com respeitável fortuna, mas sem título de

nobreza. E, por meio do relato de Sra. Smith, amiga de Anne, cujo marido era amigo de Sr. William Elliot, descobrimos as reais intenções dele, de forma clara. Para o herdeiro de Kellynch Hall, diferentemente de Sir. Walter Elliot, não havia importância de título aristocrático, ele nunca almejou ser o próximo baronete de Kellynch Hall. Sr. Elliot tinha apenas uma ambição: dinheiro, por isso havia se casado anteriormente, não por amor, e sim pelas riquezas que a sua falecida esposa forneceria a ele. E com a fortuna da família não seria diferente, o presumido herdeiro, reaproximou-se da família para garantir que Sir Walter não se casasse novamente, então não teria possibilidade de conceber um herdeiro direto e, assim, conseguiria manter os bens da família para si, além de se aproximar de Anne para cortejá-la, com a mesma intenção anterior. No fim, o senhor William Walter Elliot tinha apenas um objetivo: “Dinheiro, dinheiro, era tudo o que ele queria (AUSTEN, 2017, p.191)”.

3.2. O destino das personagens femininas ligado ao dinheiro

Como citado anteriormente, Jane Austen mantém seus enredos em uma “Inglaterra homogênea”, e isso também guarda relação com o ato do casamento, já que, naquela época, o transporte era algo lento e pouco confortável, portanto faz mais sentido a heroína e seu futuro marido morarem em condados minimamente próximos. Essa necessidade é nomeada, segundo Moretti (2003), de Mercado Nacional de Casamentos, que promove a mobilidade da protagonista e a necessidade de se sentir em seu lar, mesmo que em um condado diferente daquele em que nasceu e viveu.

[...] a distância entre eles significa que os enredos de Austen juntam — “casam” — as pessoas que *pertencem a condados diferentes*. O que é novo e significativo: significa que esses romances tentam representar o que os historiadores sociais referem como o “Mercado Nacional de Casamentos”: um mecanismo que se cristalizou ao longo do século XVIII, o que exige dos seres humanos (particularmente das mulheres) uma nova mobilidade: física, mas mais ainda *espiritual*. (MORETTI, 2003, p. 25)

Diferentemente dos homens, que não veem o casamento como uma forma de ascender socialmente, as mulheres têm seus destinos ligados ao matrimônio e à chance da ascensão social por meio dele. Consequentemente, o poder de capital, ou a falta dele, do possível pretendente, é muito importante para que o matrimônio se solidifique, principalmente para a nobreza, já que, no século XIX, a Inglaterra tinha uma sociedade em que as classes sociais eram muito bem delineadas e que

não havia muitas possibilidades de movimentação entre elas, assim a importância de se casar e de com quem se casar pesava muito na vida das jovens mulheres.

Durante a narrativa de *Persuasão*, percebemos que o dinheiro e o matrimônio perseguem as mulheres, mesmo aquelas já casadas e mais velhas, demonstram esses valores que são a regra da sociedade inglesa do século XIX. Um exemplo, é Lady Russel, cujo critério para que alguém seja um bom pretendente são suas posses, fortuna e títulos, assim, junto de Sir. Elliot e de Elizabeth, irmã mais velha de Anne Elliot, impedem que a protagonista se case com o capitão Wentworth

Já a relação de Elizabeth com o dinheiro se assemelha muito à do pai, Sir Elliot, distanciando-se quando a questão de gênero entra em pauta, e isso contribui para que ela seja a favorita do pai, por conta de sua personalidade e beleza parecidas. Elizabeth, como filha mais velha, assumiu as obrigações da casa quando a mãe, Lady Elliot, faleceu, mas não tinha as mesmas qualidades de administração da mãe, que é descrita como uma mulher excelente e que havia “[...] tolerado, amenizado ou ocultado as falhas dele e promovido a verdadeira respeitabilidade do marido ao longo de dezessete anos [...] (Austen, 2017, p. 9)”, já que o pai os havia colocado em uma crise financeira, mesmo com todos os seus esforços para evitar que isso acontecesse.

Elizabeth tem esse fardo de precisar ficar no lugar da mãe, para cuidar da administração da casa ainda quando era muito jovem e isso contribui para que ela continuasse solteira aos vinte e nove anos. Claro que não é apenas isso, pois, como já dito, ela tem muitas similaridades com o pai, assim precisa de alguém que seja suficientemente bom para ela, com todas as qualidades necessárias que preza, portanto a única vez que chegou perto de casar-se foi com o senhor Elliot — que não tinha nenhuma pretensão de pedi-la em casamento — já que ele seria o herdeiro de Kellynch Hall e ela poderia continuar com as vantagens que o título que seu pai havia provido durante sua vida.

Em vez de incrementar sua fortuna na linha demarcada para o herdeiro da casa dos Elliot, ele havia comprado a independência unindo-se a uma mulher rica de berço inferior. [...] Essa constrangedora história do senhor Elliot, depois de um intervalo de vários anos, ainda causava raiva em Elizabeth, que havia gostado do homem pelo que era e, mais ainda, por ser o herdeiro do pai dela, e cujo forte orgulho familiar só nele podia ver um pretendente adequado para a filha primogênita de Sir Walter Elliot. (AUSTEN, 2017, p.12)

Quando falamos de Mary, a irmã mais nova entre as três filhas de Sir Walter, ela também traz a questão do dinheiro em sua trajetória, de uma forma diferente das irmãs mais velhas. Na maior parte da narrativa ela é a única irmã casada. Casou-se com Charles Musgrove, que, apesar de sua família ser vista como inferior aos Elliot, principalmente por seus pais não serem nobres, ainda é herdeiro das propriedades de Uppercross: Uppercross Cottage e Great House. A princípio, Charles Musgrove pretendia casar-se com Anne, mas por ainda ter sentimentos por Frederick Wentworth, ela nega o pedido e, assim, Mary acaba se casando e torna-se Lady Musgrove.

Podemos ver aqui, como o mercado do casamento se institui na vida do casal, Charles não consegue se casar com sua primeira opção e, sem muita procura, vira-se para a irmã mais nova da primeira pretendente, pois ele precisa casar-se e ter seus herdeiros. Para Mary, como mulher, ela precisa casar-se para constituir uma família e quando tem um pretendente que faz o pedido e tem fortuna respeitável, não há outra saída, ela aceita, assim ela espera usufruir do conforto que o marido pode oferecer a ela.

Estavam sempre de perfeito acordo quanto à necessidade de mais dinheiro e acalentavam uma forte expectativa por um belo presente do pai dele; mas nisso, como em muitos outros pontos, ele se mostrava superior, pois enquanto Mary considerava uma grande vergonha que tal presente não chegasse, ele sempre argumentava que o pai tinha muitos outros usos para o próprio dinheiro e tinha ainda o direito como bem entendesse. (AUSTEN, 2017, p.45)

Charles Musgrove tem duas irmãs mais novas, Louisa e Henrietta e, como as personagens femininas anteriores, as duas também têm seus destinos fortemente entrelaçados com o casamento e com o dinheiro. São duas jovens mulheres, com uma educação respeitável, oferecida pelo pai, e, assim, são ótimas pretendentes para os cavalheiros solteiros. “[...] As jovens Musgroves não são tudo o que poderiam ser, mas são tudo o que o moderno estilo de vida da pequena nobreza demanda e isso é o que o mercado do casamento exige (IRVINE, 2005, p. 91)”.

Henrietta, que já tem uma afeição pelo primo, Charles Hayter, no começo da narrativa, e Louisa ficam encantadas por Wentworth quando ele aparece em Uppercross em uma visita, mas não era um sentimento amoroso e, sim, admiração por sua educação, beleza e principalmente por seus bens, que conquistou sozinho, além do interesse pela marinha, no caso de Louisa.

No fim, Henrietta foi desposada por Charles Hayter, mesmo com Mary achando uma má escolha, pelo fato de os Hayters serem de mais baixa classe social que ele e terem uma fortuna menor, mesmo ele sendo o herdeiro de Winthrop. Já Louisa casou-se com o capitão Benwick, que havia perdido a esposa, Fanny, enquanto estava servindo o país. Benwick, assim como Wentworth, não tinha posses e vinha de uma família de pouco prestígio, conseguiu sua fortuna fora do país, com o próprio esforço.

Por último, há a amiga de Anne, peça essencial para a narrativa, Sra. Smith, que ficou viúva e sem a proteção do marido e, com a falência dele, fica à mercê do mundo, vivendo quase que de forma precária. Aqui, nessa vida, o dinheiro impacta diretamente na vida da Sra. Smith, pois, sem ele, ela passou a viver afastada da sociedade, invisível, além de estar adoentada.

Uma viúva chamada senhora Smith... quem era o marido? um dos cinco mil senhor Smith cujos nomes podem ser encontrados em qualquer lugar. E qual é seu atrativo? Que está velha e doente. Palavra de honra, senhorita Anne Elliot, que gosto extraordinário o seu! Tudo o que repugna pessoas... companhia inferior, cômodos sórdidos, ar viciado, associações fastidiosas, tudo isso lhe é convidativo (AUSTEN, 2017, p.151).

3.3. O destino dos protagonistas ligado ao dinheiro

Anne Elliot é um respiro dentre todos a sua volta, principalmente quando se trata de sua família, que se importa com a questão social e econômica daqueles que estão em volta e se relacionam com a família, sempre julgando se são de honra o suficiente para o convívio com a família Elliot e se a pessoa em questão não cumprir os requisitos impostos, principalmente por Sir Elliot e Elizabeth, será alvo de julgamentos. Anne, mesmo com alguns julgamentos provenientes de sua classe social, tem muito mais proximidade com pessoas que são julgadas inferiores por seu pai e irmã, dois exemplos disso é sua amizade com Sra. Smith e seu amor por Frederick Wentworth, além de ser descrita sempre como alguém agradável, até mesmo a família Musgrove profere seu desejo de que Anne fosse esposa de Charles, ao em vez de Mary, por sua natureza calma.

– Não tenho escrúpulos em comentar com você como algumas pessoas são incoerentes em relação a própria posição, pois todos sabem como você se mostra tranquila e indiferente a esse respeito; mas gostaria que alguém conseguisse convencer Mary que seria bem melhor se ela não fosse tão obstinada; de modo particular, se não estive sempre se precipitando para tomar o lugar de mamãe (AUSTEN, 2017, p. 46).

Além de seu pai e irmã, Anne também tem em seu círculo de convívio próximo a amiga da família, Lady Russel, que nutre grande estima pela senhorita Elliot e que consegue ter influência na jovem com seus conselhos, e também segue as normas da sociedade inglesa oitocentista, sobre as posições sociais. E, por causa dessas crenças que seu pai, Elizabeth e Lady Russel tinham, seu romance com Frederick Wentworth não vingou, já que ele não tinha nenhum título, muito menos fortuna e, com o grande poder de persuasão que Lady Russel tinha com Anne, conseguiu convencê-la de desistir do noivado.

O destino de Anne, principalmente na juventude, por causa do dinheiro, ou da falta dele, a afasta daqueles com quem ela iria relacionar-se. A começar por Frederick Wentworth, que conquistou seu coração quando tinha apenas dezenove anos, muito jovem e inexperiente, tinha Lady Russel como sua principal referência de afeto, depois da morte de sua mãe, tendo em vista que o pai não demonstrava afeição por Anne, isso era direcionado apenas a Elizabeth, e nem mesmo suas irmãs demonstravam sentimentos fraternais para com ela. Assim, Lady Russel conseguiu ser a pessoa com quem Anne mais se importava com a opinião e sentimentos. Foi por causa da opinião forte da amiga, que desprezava o jovem recém-entrado na marinha, já que ele não tinha virtudes consideradas vantajosas para a jovem Elliot, que fazia parte da pequena nobreza inglesa, que Anne dissolveu seu noivado com Frederick. Depois, mesmo respeitando a opinião da amiga, ela se arrependeu e isso a acompanhou durante todos os anos em que ficou separada de Frederick Wentworth, resultando num apagamento de sua beleza e jovialidade, que, antes, eram considerados muito mais encantadoras.

A situação com Frederick afetou Anne de diversas formas. Uma delas é na possibilidade de seguir em frente e aceitar um casamento. E isso aconteceu com Charles Musgrove, que queria desposá-la, no entanto Anne o recusou por ainda amar Frederick, mesmo que fosse um matrimônio vantajoso para ela e, com a recusa, Charles noivou com sua irmã mais nova, Mary. E isso causou certo afastamento entre as duas: “Mary nunca superou que Anne foi a primeira opção de Charles (IRVINE, 2005)”.

Novamente, depois de oito anos separada de Frederick Wentworth, eles se reencontram, mas Anne tem certeza que ele tem interesse no matrimônio com Louisa Musgrove e acaba deixando seus sentimentos de lado, por isso avalia um enlace matrimonial com o primo e herdeiro das posses e título do pai, William Walter

Elliot. Ela realmente o acha alguém decente e de boa índole, mas é muito mais ligado ao que o Walter Elliot mais novo representa para a sua família. Mas, graças à amiga, Sra. Smith, Anne descobre as reais intenções do primo e consegue se desvencilhar de um possível matrimônio com ele.

Anne e Frederick, depois de muitos desencontros, acabam ficando juntos, o que incentivou isso, sem muitas objeções de terceiros — seu pai, irmãs e Lady Russel, mesmo não sendo o ideal para ela — é que Frederick Wentworth tornou-se um capitão da marinha, que serviu o país e que conseguiu suas próprias riquezas.

O capitão Wentworth, com 25 mil libras e um posto tão elevado em sua profissão quanto o mérito e a atividade poderiam ter-lhe proporcionado, não era mais um ninguém. Agora era considerado inteiramente digno para pedir a mão da filha de um baronete tolo e esbanjador, que não havia tido princípios ou bom senso suficientes para se manter na situação em que a Providência o havia colocado e que agora só podia dar a filha uma pequena parte da quota de dez mil libras que deveria lhe caber no futuro. (AUSTEN, 2017, p.235)

Frederick, que era de uma família sem títulos ou riquezas, viu na marinha uma única chance de tentar a sorte e conseguir prestígio social e monetário. Por essa motivação, Wentworth serviu o país na guerra e conseguiu, por meio dela, o dinheiro. Durante a narrativa, por várias vezes são mencionados locais, descritos como fazendas, em lugares que na época eram de domínio inglês, como na Antígua e nas Índias Ocidentais, que, mesmo visto como lugares de Terceiro Mundo, ainda são desejados pela possibilidade de ascensão social e monetária.

Na cultura britânica, por exemplo, é possível discernir uma coerência nos interesses de Spenser, Shakespeare, Defoe e Austen, que estabelece o espaço socialmente autorizado e desejável na Inglaterra ou Europa metropolitana e, por meio do tema, do desenvolvimento e do desfecho, liga-o a mundos distantes ou periféricos (Irlanda, Venezuela, África, Jamaica), concebidos como desejáveis, mas subordinados. E com essa referência meticulosamente mantidas vêm atitudes — sobre o domínio, o controle, o lucro, a ascensão e as conveniências — que crescem com uma força assombrosa do século XVII até o final do XIX (SAÏD, 2011, p.104)

Em suma, durante a narrativa toda de *Persuasão*, o dinheiro permeia de várias formas as vidas das personagens, de maneiras muito diferentes e que se modificam por conta do gênero e da classe social. No destino das personagens masculinas, há uma diversidade maior da raiz da problemática do dinheiro, seja pela falta de um herdeiro, de títulos, entre outros, enquanto, no destino das mulheres, há uma similaridade, o lado monetário sempre estará ligado ao casamento e isso implica diretamente no futuro delas, positivamente ou negativamente.

5. Considerações Finais

A presente pesquisa teve o objetivo de entender as motivações das personagens de *Persuasão*, de Jane Austen, atrelados ao dinheiro e como essas motivações interferem direta ou indiretamente no destino delas. Para isso, foi necessário compreender o cenário político, social e histórico da época, além de como o gênero romance foi formado, quais autores ajudaram a consolidar o gênero e assimilar a realidade e as características de Jane Austen, para, assim, conseguirmos analisar o enredo e as personagens de *Persuasão*.

Conforme foi abordado durante a pesquisa, podemos notar como o dinheiro, mesmo não sendo o plano principal do livro *Persuasão*, segue durante toda a narrativa de forma próxima às personagens. E o motivo disso acontecer é por conta de todas as convenções sociais, que eram vigentes na sociedade inglesa da época, e como o romance inglês foi todo construído ao redor da sociedade rural do período, então se refletia de forma direta nas narrativas de Jane Austen.

Durante o processo de identificação das personagens, pudemos notar a diferença de peso que é atribuído ao dinheiro no destino das personagens masculinas e femininas. No caso dos homens, é muito mais indireto, o dinheiro não traz grandes mudanças em seus destinos, pois eles dependem do que a família tem ou o que se arrecadou com o trabalho, para sustentarem-se durante a vida, o título de nobreza ou a falta dele, não será mudado drasticamente por um casamento. No caso daqueles que ganharam prestígio por meio da marinha e do exército, o dinheiro inseriu-se de maneira mais incisiva, pois a motivação de engrenarem na profissão foi a esperança de uma vida melhor, com um *status* social bem visto pela sociedade e mais dinheiro.

Em contrapartida, as personagens femininas têm o seu destino diretamente ligado ao dinheiro e ao prestígio social, já que, para a sociedade da época, elas eram moldadas para um casamento futuro. O casamento é quase visto como um negócio, uma possibilidade de elevar o *status* social e o poder monetário e, quando ele não oferece isso a mulher, é considerado um casamento fracassado, que é o que impede a protagonista, Anne, de casar-se com Frederick Wentworth, quando jovem. Já quando ele volta e pode oferecer uma vida confortável e com uma riqueza respeitável a ela, a família de Anne aprova o matrimônio sem problemas.

6. Referências Bibliográficas

AUSTEN, Jane. *Persuasão*. São Paulo: Lafonte, 2017.

HOBBSAWN, Eric. *A Era das Revoluções: 1789-1848*. 13.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

HUNTER, J. Paul. *Before Novels. The Cultural Contexts of Eighteenth-Century Fiction*. Nova York/Londres, W. W. Norton & Company; 1990.

IRVINE, Robert P. *Jane Austen*. London: Routledge, 2005.

MORETTI, Franco. *Atlas do Romance Europeu: 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003.

SAÍD, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

VASCONCELOS, Sandra G. *Dez Lições Sobre o Romance Inglês do Século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002.

WATT, Ian. *A Ascensão do Romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.